



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
Formação de Professores Bilíngues para Surdos (EaD)
2ª Edição

FABIANO RAMOS SANTOS

Atividade de Fundamentos da Educação de Surdos – UC3
Federação Suíça de Surdos: 75 anos de adversidade

Itapeva (SP)
Janeiro / 2022



FABIANO RAMOS SANTOS

Atividade de Fundamentos da Educação de Surdos – UC3
Federação Suíça de Surdos: 75 anos de adversidade

Itapeva (SP)
Janeiro / 2022

DIRETRIZ DA ATIVIDADE

Esta atividade deverá ser realizada após assistir o vídeo de orientação que está disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=QOs0ja86vrg.

A partir do que foi exposto vídeo, na atividade de pesquisa precisa constar:

1. A História dos Surdos de modo geral.
2. Escolher qualquer país, exceto o Brasil.
3. Como foi o contexto histórico do Surdo no país escolhido.
4. Como foi criado a escola para Surdos nesse país.
5. Quem foi o responsável pela inclusão dos Surdos no país.

Observação 1: *estudantes surdos podem responder através de vídeo em libras.*

Observação 2: *fazer o texto e enviar o link para a tutora.*

FEDERAÇÃO SUÍÇA DE SURDOS: 75 ANOS DE ADVERSIDADE

INTRODUÇÃO

Antes de tratarmos de assuntos atuais, voltemos a 17 de fevereiro de 1946, quando os membros de **oito associações de surdos da Suíça alemã**, fartos de serem tratados como cidadãos de segunda classe, uniram suas forças para dar aos surdos uma voz mais forte. No mesmo ano, **outras oito associações** se uniram à causa, inclusive **uma da Suíça francesa e uma do Ticino**, de língua italiana.

As pessoas surdas eram extremamente discriminadas pela sociedade por causa de sua surdez. Além disso, elas não tinham voz própria e eram controladas por pessoas ouvintes, que atuavam como seus guardiões.

Na **Suíça**, a situação era tenebrosa para pessoas surdas. Supunha-se que elas eram moralmente carentes – *especialmente as mulheres, que, temia-se, poderiam ser sexualmente ativas e, Deus nos livre, engravidar*. Os homens surdos eram acusados de serem teimosos e irritadiços, e frequentemente se envolviam em conflitos no trabalho, de acordo com um livro publicado pela federação para celebrar seu 75º aniversário.

FATOS E NÚMEROS

Mesmo o pioneiro **Eugen Sutermeister**, que fundou a **Associação Suíça de Assistência Social para Surdos e Mudos** (chamada atualmente de **Sonos**), não tinha exatamente uma imagem positiva de si mesmo. Em suas Seis Regras para Interagir com Adultos Surdos e Mudos, escritas para pessoas ouvintes em 1900, ele disse que uma pessoa ouvinte deveria “*aguentar pacientemente uma pessoa surda com todas as suas fraquezas*” e que “*as falhas de caráter de um surdo fazem parte de sua aflição*”.

As organizações de assistência social adotavam uma atitude fundamentalmente paternalista em relação às pessoas surdas. Ofereciam ajuda para procurar empregos e resolviam disputas no trabalho e na vida cotidiana, mas não lhes permitiam ter muita independência. Por vezes, as pessoas surdas eram colocadas sob tutela e precisavam da permissão de seu tutor para mudar de emprego ou se casar.

SEM LÍNGUA DE SINAIS

As **primeiras escolas** de surdos da Suíça surgiram no início do século XIX, através de iniciativas privadas. O seu objetivo era dar aos surdos uma **educação escolar**, uma **formação religiosa** e uma **capacitação profissional**.

As coisas pioraram em 1880. Num congresso realizado em Milão, especialistas em educação e médicos de toda a Europa – *quase todos eles ouvintes* – debateram sobre como educar os surdos. Eles decidiram que a língua de sinais deveria ser banida das salas de aula e que as pessoas surdas deveriam ser ensinadas a ler lábios e a **falar (oralismo)**. Como resultado, a língua de sinais foi proibida nas escolas suíças até, pelo menos, os anos de 1970. Aqueles que infringissem a regra eram frequentemente submetidos a castigos corporais.

Historicamente, esse congresso foi extremamente importante. Ele teve uma influência decisiva sobre a educação e a vida das pessoas surdas. As pessoas eram proibidas de usar sua língua materna, o que dificultava a obtenção de um emprego, a participação na política e a vida em sociedade. Obviamente, isso prejudicava a independência – *havam feito essa escolha pelos surdos*. Atualmente, a situação não é tão extrema como naquela época, mas ainda persiste.

O problema era que muitas vezes se gastava tanto tempo aprendendo a falar e a ler lábios, que restava pouco tempo para a educação básica. Além disso, apesar do tempo gasto com o oralismo, muitos alunos ainda não conseguiam acompanhar as aulas faladas e, portanto, ficavam em desvantagem nas salas de aula e, mais tarde, no mercado de trabalho.

O MOVIMENTO NOS EUA

Pouco a pouco, no entanto, as coisas começaram a mudar. Em 1960, um delegado suíço que havia participado do terceiro **Congresso Mundial de Surdos em Wiesbaden**, na Alemanha, concluiu que as pessoas surdas na Suíça dependiam demasiadamente de “ajudantes ouvintes”. No mesmo ano, um boletim informativo suíço para surdos observou que “*na Alemanha ou na Itália, grande parte das atividades de pressão política eram feitas pelos próprios surdos*”.

Enquanto, na Suíça, muitos surdos se orgulhavam de conseguirem se expressar sem sinais, a partir dos anos 70, a língua de sinais começou a ser cada vez mais utilizada em congressos internacionais e, por isso, alguns delegados suíços não conseguiam acompanhar os debates.

Na época, o epicentro do movimento surdo era o **Gallaudet College** (agora **Universidade**) em Washington, DC. Fundada em 1864 – e recentemente cenário de um reality show da Netflix, *Deaf U* –, a instituição é oficialmente **bilíngue**, utilizando a **língua de sinais americana (ASL)** e o **inglês escrito**. É a primeira, e única, instituição no mundo voltada para a educação superior de surdos e deficientes auditivos.

Um casal suíço surdo passou um tempo na Universidade Gallaudet nas décadas de 1970 e 1980. Eles puderam experimentar o uso livre da língua de sinais numa sociedade onde tudo era possível para os surdos. Eles ficaram muito, muito impressionados com o que viram e, quando voltaram à Suíça, trabalharam duro para conseguir o mesmo aqui, incluindo uma maior aceitação da língua de sinais.

Certamente, havia muitos obstáculos, desde a falta de verba e vontade política até a resistência de pais ouvintes, que receavam que a língua de sinais levasse seus filhos surdos ao isolamento social. Alguns surdos eram eles mesmos contra a utilização da língua de sinais nas salas de aula. Porém, nos anos de 1980, a conscientização do público suíço sobre as pessoas surdas e a eficácia da representação de seus interesses aumentaram significativamente.

MUITAS CONQUISTAS

Desde então, a federação alcançou várias conquistas importantes, inclusive o desenvolvimento de programas educacionais, seminários e cursos feitos por surdos para surdos. Ela também se tornou mais profissional e poderosa, fazendo grande pressão para o reconhecimento legal da língua de sinais e pelos interesses dos 10.000 surdos e 800.000 deficientes auditivos do país.

E o que fez o governo? Segundo alguns surdos mais ativos nas causas, infelizmente não muito. Afirmam que, apesar da lei de igualdade para pessoas com deficiência ter entrado em vigor em 2004, algumas de suas disposições estão formuladas de uma maneira muito vaga. Há, ainda, uma “*discussão interminável*” sobre quem deve cobrir os custos: os municípios, os cantões ou o governo federal.

A Suíça ainda é um país muito conservador socialmente. Em comparação a outros países mais progressistas, e, por isso, ela não passa uma impressão muito boa.

Surdos suíços relatam, também, a falta de um centro de informação neutro e independente para pais de crianças surdas. O mais importante é que o bebê possa se comunicar com sua família. E para isso recomendam que toda a família aprenda a língua de sinais. Com a língua de sinais, as crianças têm uma língua através da qual podem se expressar e interagir com sua família, enquanto aprendem a língua falada ao mesmo tempo. A Federação Suíça de Surdos promove uma educação bilíngue.

DEMOCRACIA DIRETA

Por mais que a *internet* tenha mudado muitos aspectos da vida das pessoas surdas, oferecendo-lhes novas possibilidades de comunicação, o *software* de reconhecimento de voz é inacessível para muitas pessoas surdas e que a *internet* ainda é baseada em texto, o que também pode ser um problema.

Uma das razões pelas quais isso é um problema é porque muitas vezes o nível educacional das pessoas surdas é muito baixo, devido às razões mencionadas anteriormente [*difficuldade de estar em sala de aula*]. Mas isso não tem nada a ver com inteligência, e sim com as barreiras que impedem que a informação seja acessível em língua de sinais.

O sistema suíço de democracia direta, que envolve a ida do público às urnas quatro vezes por ano para votar sobre várias questões, também apresenta um problema. Cada cidadão suíço recebe um folheto do governo explicando os prós e os contras do que será decidido. Porém, esses textos são muito complexos e muitas vezes não são muito fáceis de ler – mesmo para pessoas ouvintes.

Mas as pessoas ouvintes têm alternativas [*para obter informações, tais como a televisão e o rádio*] que os surdos suíços não tem. E é por isso que precisam desses textos em língua de sinais. Assim como eles são lidos em voz alta para os cegos, eles precisam de uma forma visual em língua de sinais no mesmo nível.

Graças à pressão da federação, desde 2018 o governo também publica informações sobre as votações nacionais nas três línguas de sinais do país (**alemão/DSGS, francês/LSF e italiano/LIS**).

INFORMAÇÕES EM CASO DE EMERGÊNCIA

A maioria das pessoas surdas não se consideram deficientes, mas membros de uma minoria cultural e linguística, com a língua de sinais sendo sua língua materna.

Atualmente, o principal foco da federação é obter o reconhecimento legal da língua de sinais. No entanto, esse gesto não deve ser simbólico e, sim, determinar uma proteção concreta e a promoção da língua – de forma semelhante ao que acontece com o *romanche*, uma língua nacional suíça falada por cerca de 50.000 pessoas.

Embora certas medidas, como o aplicativo **Alertswiss**, informem as pessoas surdas sobre emergências nacionais e outras informações, a pandemia de Covid-19 evidenciou os limites dessa abordagem. Sem falar da impossibilidade de fazer a leitura labial quando se usa máscaras.

A pandemia de coronavírus é ótimo exemplo de quão difícil é o acesso a informações importantes. Os surdos foram totalmente esquecidos. Entraram então em contato com o governo e exigiram que fossem disponibilizados intérpretes de língua de sinais para a divulgação de informações públicas. E prontamente os intérpretes apareceram em todas as conferências de imprensa do governo na televisão.

Nenhuma pessoa surda jamais foi eleita para o Parlamento Federal na Suíça, ao contrário de muitos outros países, como Israel, que elegeu Shirley Pinto em junho de 2021.

A participação política continua sendo impossível para as pessoas surdas. Ainda existem muitas, muitas barreiras. Por exemplo, não podem acompanhar os debates políticos no parlamento. A consciência política está crescendo lentamente, e pode ser que haja agora intérpretes nas reuniões de delegados dos partidos, mas isso continua sendo a exceção. Eles deveriam estar disponíveis para todos, como é óbvio. As pessoas não deveriam ter de perguntar: *‘Tem alguém [surdo] vindo? Precisamos providenciar um intérprete? Um intérprete simplesmente deveria estar lá’.*”

É por isso que os surdos suíços continuam lutando: por hoje e pela próxima geração, para que esse sonho de liberdade se torne realidade um dia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

STEPHENS, Thomas. **Federação Suíça de Surdos: 75 anos de adversidade**. Blog do site Swissinfo.ch (online). Disponível em <<https://www.swissinfo.ch/por/federa%C3%A7%C3%A3o-su%C3%AD%C3%A7a-de-surdos--75-anos-de-adversidade/46818072>>. Acesso em 25 de jan. 2022.